



CORPOS LGBTQIA+ NO TELEJORNALISMO: REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE¹

Patrick Lóss Fernandes da Silva ²
Arthur Felipe de Oliveira Fiel ³

RESUMO

Ao considerar o telejornalismo como reflexo da sociedade e promotor de diversidade, nota-se a falta de representatividade de profissionais LGBTQIA+ no telejornalismo brasileiro. Este estudo buscou, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, analisar a participação, representatividade e importância da visibilidade de profissionais dessa comunidade no telejornalismo nacional. A literatura expõe a mídia como aliada na luta contra a homofobia, mas evidencia impasses que ainda precisam ser enfrentados no que tange à representatividade, sobretudo de jornalistas LGBTQIA+ frente às câmeras dos telejornais. O estudo também aborda casos de jornalistas que expuseram suas orientações sexuais de forma aberta e a importância desse ato para a luta coletiva. Considera-se, portanto, que além do desafio da homofobia, a heteronormatividade imposta sobre a profissão do jornalista, sobretudo dos que estão em frente às câmeras, ainda é um desafio a ser estudado e combatido.

Palavras-chave: Telejornalismo, Representatividade, LGBTQIA+, Jornalismo.

INTRODUÇÃO

A televisão possibilita que o cidadão construa, por meio de seus programas, registros da realidade social que constroem a memória coletiva (BECKER, 2022). Compreende-se, entretanto, a televisão além de novelas, filmes e seriados, e considera-se também o telejornalismo como reflexo da sociedade e promotor da diversidade. Nesse aspecto, embora com alguns avanços recentes, é notória a falta de representatividade de profissionais LGBTQIA+ no telejornalismo brasileiro (MONTALVÃO, 2020).

Em vista disso, é necessário pontuar que a mídia, como instância social, tanto pode legitimar quanto silenciar grupos e sujeitos, o que torna a televisão determinante na busca por poder e por representatividade. Assim, Darte (2008) afirma que a mídia, ao garantir a participação de pessoas LGBTQIA+ em seus canais, contribui “para perturbar a tranquilidade da heteronormatividade reproduzida na sociedade” (p. 228).

1 Graduando do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, patrick.f.silva@edu.ufes.br;

2 Artigo desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica - PIIC/UFES

3 Doutor em Comunicação, Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, arthur.fiel@ufes.br.



No âmbito do telejornalismo, por mais que o jornalista esteja submetido à organização que trabalha, ele toma decisões próprias, e é um sujeito construído com uma posição cultural, política e ideológica. Assim, a produção de notícias na televisão é impactada diretamente pelas vivências do emissor. Mas, além disso, é importante considerar que o jornalista torna-se porta-voz para a diversidade de vozes presentes na sociedade (OLIVEIRA, 2021), o que coloca-o em papel fundamental nas lutas sociais.

Dessa forma, este estudo busca, por meio de levantamento bibliográfico e documental, incluindo noticiários, analisar a participação, representatividade e a importância da visibilidade de profissionais LGBTQIA+ no telejornalismo brasileiro. O estudo se justifica pela percepção da ausência de jornalistas LGBTQIA+ nesse ramo da profissão em âmbito nacional.

METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser classificada como: aplicada, por utilizar e aplicar conceitos e conhecimentos para analisar a realidade a ser estudada e entender o problema, bibliográfica e documental, visto a necessidade da busca por estudos sobre o tema e seu contexto, bem como de documentos, notícias e dados oficiais que tange o assunto abordado (GIL, 2008).

Para atingir os objetivos do estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica, com buscas na plataforma Google Acadêmico. Foram definidas as palavras-chaves: “telejornalismo” “representatividade” “LGBT” (e suas variáveis) e “heteronormatividade”, além de notícias e reportagens sobre o assunto, sobretudo histórias e relatos de profissionais que se expuseram e/ou sofreram preconceitos por sua orientação sexual. Inicialmente, a leitura exploratória do material encontrado permitiu avaliar a compatibilidade com a temática estudada. Com isso, foi feita uma nova seleção dos textos, a partir da leitura interpretativa desses. Assim, foi possível, com base na literatura, analisar a problemática proposta.

REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública aponta que foram registrados mais de 2,3 mil casos de agressões a pessoas LGBTQIA+ no Brasil, em 2022 (FBSP, 2023). No combate à homofobia, a mídia tem sido importante aliada, apesar de ter muito ainda para se avançar. Nesse sentido, Mendes (2017) discute sobre o estereótipo das representações de LGBTs na



mídia, e problematiza que em novelas, séries e filmes o personagem gay sempre é caracterizado como afeminado, interpretado por atores de fora da comunidade.

Além disso, o telejornalismo também tem dado espaço à luta por representatividade dessa população. Entretanto, ainda há impasses, como o citado acima, nas formas de representação da comunidade nas telas. Darde e Morogi (2012) analisaram quais as representações sobre a população LGBT os jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo ajudam a construir na sociedade brasileira e concluíram que “enquanto a heterossexualidade não for problematizada pelo jornalismo e debatida na esfera pública de forma aberta e democrática fica difícil romper os preconceitos e a violência contra a população LGBT.” (pag. 149)

Mas além de noticiar e mostrar personagens LGBTs como pauta, é fundamental que essas pessoas estejam inseridas no mercado do telejornalismo. O relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (LIMA, 2022) é incompleto no que diz respeito a essa população. O próprio documento destaca que os respondentes apontaram que o questionário precisa considerar mais questões específicas sobre classe, gênero, orientação sexual e raça, visto que essas questões afetam o trabalho dos jornalistas.

O que é notório é que quando um jornalista com visibilidade na TV expõe sua sexualidade, passa a ser notícia e muitas vezes, alvo de preconceito. Os jornalistas estão fardados a uma realidade estereotipada pela heteronormatividade presente na classe por muitos anos. Porto e Feitosa (2017) apontam como desafios dentro das empresas de comunicação, um sistema de constrangimentos e sanções, retaliações não decorrentes de mau desempenho ou comportamento, diferença salarial, retaliação de oportunidades, imposições para conter os seus trejeitos e disciplinamento do próprio corpo. Destaca também que o jornalista gay se autocensura, tentando se mostrar “menos gay”.

Nesse contexto, Moura e Nascimento (2021) apresentam uma discussão sobre o gay afeminado nas organizações e concluem que o profissional com traços considerados afeminados é tido como alguém menos capaz para o trabalho. Entende-se, a partir disso, o receio de profissionais se assumirem, assumirem seus trejeitos ou até mesmo de ingressar em certas áreas que demandam exposição, como é o caso do telejornalismo.

Casos de repercussão

Perante o exposto, cabe relacionar neste tópico, casos que repercutiram na mídia, colaboraram para a luta e reforçaram a importância da representatividade desses profissionais.



Destaca-se, primeiramente, o caso de Rachel Maddow, uma das mais famosas apresentadoras dos Estados Unidos. Em 2008, Maddow tornou-se a primeira âncora assumidamente lésbica a apresentar um jornal em horário nobre nos Estados Unidos, abrindo espaços e encorajando vários outros profissionais (BENÍCIO, 2018).

No Brasil, esse movimento é recente e tem ganhado visibilidade nos últimos anos com o auxílio das redes sociais. Um dos casos de grande repercussão na mídia brasileira foi o da jornalista Fernanda Gentil, então âncora do "Esporte Espetacular", em 2016, ao assumir seu relacionamento com a também jornalista Priscila Montandon. Já a repórter do "Mais Você", Nadia Bochi e a apresentadora da Globo News, Leilane Neubarth, receberam apoio nas redes sociais ao se abrirem sobre suas orientações sexuais (BENÍCIO, 2018).

Além delas, o posicionamento dos homens, que carregam o peso do jornalista heteronormativo, também tem sido comum. De forma semelhante às jornalistas citadas, o apresentador da CNN Brasil, Daniel Adjuto, assumiu seu namoro com o médico Rafael Pinto Rocha em uma rede social. Dias depois fez um desabafo sobre o tema, ao vivo no canal, ao defender o senador Fabiano Contarato, alvo de homofobia durante a CPI da Covid. É relevante considerar a importância de momentos como esse, no qual um homem gay faz uma intervenção aberta numa pauta relativa a sua comunidade, destacando como as vivências do emissor influenciam na construção das narrativas e contribuem para uma luta coletiva. Nesse mesmo sentido, pontua-se o caso do âncora Marcelo Cosme, do 'GloboNews em Pauta', que se declarou gay diante das câmeras do canal. Outrossim, destaca-se nesse estudo os casos do repórter e apresentador Fabio Ramalho, da Record Rio, do âncora Juliano Dip, do 'Manhã BandNews' e do casal de repórteres da TV Globo Pedro Figueiredo e Erick Rianelli, que estão juntos há cerca de nove anos (BENÍCIO, 2021; UOL, 2022).

Ainda entre os jornalistas, um dos casos mais famosos foi o do comunicador Matheus Ribeiro, que em 2019 se tornou o primeiro jornalista abertamente homossexual a ocupar a bancada do Jornal Nacional, o telejornal de maior audiência no Brasil. O momento foi histórico e importante para a comunidade; o jornalista relatou que recebeu muito apoio pelas redes sociais, onde compartilha sua vida pessoal e profissional (UOL, 2022).

Mas além de mensagens de apoio, os jornalistas ainda sofrem com o preconceito de uma sociedade machista, homofóbica e heteronormativa. O próprio Matheus Ribeiro relatou ser alvo constante de comentários homofóbicos, tanto nas redes sociais, como em locais que frequenta. Já o jornalista Rômulo D'Ávila, da TV Globo, foi vítima de homofobia por causa de sua ação durante a cobertura de uma enchente em São Paulo pelo jornal "Hora 1". Após tentar socorrer um idoso, um homem atacou Rômulo em uma rede social, dizendo que ele era



“muito gay” e já não conseguia enganar. O jornalista, que é assumidamente gay, não se intimidou e respondeu o criminoso na mesma rede social (DIAS, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o exposto, considera-se que casos de homofobia, como os citados, são constantes entre os jornalistas, principalmente com os que trabalham com telejornalismo. Além de todo o preconceito existente na sociedade brasileira há, ainda, a heteronormatividade imposta sobre algumas profissões, como é o caso dos jornalistas, sobretudo dos profissionais que estão diariamente em frente às câmeras.

Considera-se que a academia tem, recentemente, notado esta problemática e que são necessários estudos, debates e dados mais robustos a respeito do tema. Para tanto, é fundamental entender quem são os profissionais LGBTQs, excluídos até mesmo do relatório do Perfil dos Jornalistas, a importância dos recentes movimentos de exposição e encorajamento por parte de colegas de profissão e os desafios que ainda enfrentam no mercado da comunicação, para que se tenha uma imprensa livre, diversa, segura e acolhedora para todos os seus profissionais.

REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz. **Televisão e Telejornalismo: Transições**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2022.

BENÍCIO, Jeff. **Jornalistas da Globo livres para se assumirem bi ou lésbicas**. 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/jornalistas-da-globo-livres-para-se-assumirem-bi-ou-lesbicas,9fd53cc2521f7ff5e942fc071ea2332d491eq0j5.html>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BENÍCIO, Jeff. **7 âncoras ajudam a quebrar o tabu de gays em telejornais**. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/7-ancoras-ajudam-a-quebrar-o-tabu-de-gays-em-telejornais,83c6ed75f8bad48c5d95edfbea067f89c3gxuf47.html>. Acesso em: 03 nov. 2023.

DARDE, Vicente William da Silva. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 223-234, dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/3109/4731>. Acesso em: 02 jun. 2023.

DIAS, Surenã. **Jornalista da Globo fala sobre luta contra preconceito após revelar namoro gay**. 2021. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/jornalista->



da-globo-fala-sobre-luta-contra-preconceito-apos-revelar-namoro-gay. Acesso em: 03 nov. 2023.

FBSP: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Samuel Pantoja (org.). **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum, 2022. 220 p. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

MENDES, Gyselle. **Representação de LGBTs na mídia**: entre o silêncio e o estereótipo. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/representacao-de-lgbts-na-midia-entre-o-silencio-e-o-estereotipo/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

MONTALVÃO, Allan Michael. **SEM SINAL**: uma grande reportagem sobre o mercado de trabalho de telejornalismo para pessoas LGBTQIA+ Brasília. 2020. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

MOURA, Renan Gomes de; NASCIMENTO, Rejane Prevot. O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 1-15, abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/GFfHVJKQJtM4xQr3YCxWdwp/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2023.

OLIVEIRA, Crystian dos Santos. **IDENTIDADE PROFISSIONAL E DE GÊNERO NO CONTEMPORNEO**. 2021. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2021.

PORTO, J. L.; FEITOSA, S.A. “Põe a cara no sol, mona”: a heteronormatividade no exercício da profissão do jornalista gay. SBPjor (VII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo). **Anais**. 2017. Disponível em: <https://sbpjor.org.br/congresso/index.php/jpjor/JPJor2017/paper/viewFile/922/249>. Acesso em: 02 nov. 2023.

UOL (São Paulo). **Leilane, Cosme e mais**: Os jornalistas LGBTQIA+ da televisão. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/06/28/jornalistas-lgtbqia.htm>. Acesso em: 03 nov. 2023.